



# LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO COMO SUBSÍDIO PARA PROGRAMAS DE PRESERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO DE RESTINGA LITORÂNEA NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RS.

Cínthia Rosado de Almeida

Sônia Marisa Hefler; Fábio Vianna Brum

Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande, Av. Itália, Km 8, Rio Grande, RS, Brasil, 96201 - 900

## INTRODUÇÃO

O princípio da utilização terapêutica das plantas data à cerca de 3000 a.C., quando os chineses passaram a cultivar plantas medicinais. Mais tarde, cerca de 2300 a.C., povos egípcios, assírios e hebreus desenvolveram o uso medicinal, cosmético, alimentício e em técnicas de embalsamento das múmias. No Brasil, a utilização das plantas medicinais inicialmente sofreu influência cultural africana e europeia. Antes da colonização, índios brasileiros já haviam adquirido algum conhecimento baseado na observação dos animais e faziam uso de plantas entorpecentes em práticas místicas de cura (Martins *et al.*, 2003).

Entretanto, a desagregação dos sistemas de vida tradicionais que acompanha a devastação do ambiente e a intrusão de novos elementos culturais, traz uma grande ameaça ao acervo de conhecimentos empíricos e a um patrimônio genético de valor inestimável para as gerações futuras (Amorozo & Gély, 1988 *apud* Pinto *et al.*, 2006). Alertando para essa ameaça mundial, uma nova tendência global defende a preocupação com a biodiversidade e apresenta idéias de desenvolvimento sustentável por meio da utilização de plantas medicinais na fitoterapia. Novas linhas de pesquisa se estabeleceram em universidades brasileiras, de forma que a intensificação dos trabalhos nessas áreas pretende a validação científica do uso de plantas medicinais (Lorenzi & Matos, 2002).

O município de Rio Grande historicamente vem sofrendo a influência da colonização portuguesa e aos poucos, devido às atividades portuárias e turísticas, também recebeu a influência de diversos outros povos e culturas. Atualmente o município vem sofrendo o impacto da crescente urbanização, modernização do meio rural, expansão da agricultura e conseqüente destruição dos habitats naturais da região costeira do Sul do RS. Para tanto, estas práticas também vêm interferindo na manutenção de muitas tradições locais, e com isto percebe-se a necessidade de um estudo que relate a atual situação cultural, especialmente no que se refere ao conhecimento e utilização das plantas na medicina popular. Para Rodrigues (2001), o gradual desinteresse e ignorância

que se verifica atualmente em relação ao uso das plantas podem levar a uma perda da biodiversidade, uma vez que o homem tende a preservar o que valoriza e conhece, destruindo, no entanto, aquilo que não conhece e que não lhe dá proveitos diretos.

## OBJETIVOS

O presente trabalho inclui o levantamento etnobotânico de plantas utilizadas na medicina popular no município de Rio Grande, objetivando o conhecimento das espécies e a busca de informações sobre sua origem, importância e nível de preservação.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Área de estudo

Toda a planície costeira do Rio Grande do Sul, na qual se encontra o município de Rio Grande está incluída no clima subtropical úmido (Cfa), na classificação de Köppen. A temperatura regional varia entre 13°C em julho e 24°C em janeiro e a precipitação pluviométrica anual está na faixa de 1200 a 1500 mm. Nesta região, são reconhecidas associações vegetais de campos inundáveis, campos com capões, banhados, dunas e terras recentemente emersas, os quais podem apresentar vegetação herbácea, graminácea, arbustiva ou de mata associada, dependendo das características da área (Vieira & Rangel, 1988).

A cidade de Rio Grande está localizada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, 32°S - 52°W, com área total de 2814 km<sup>2</sup>, entre a Lagoa Mirim, Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico (IBGE, 2007).

### Materiais e Métodos

O trabalho foi desenvolvido com a participação de quatro moradores da cidade de Rio Grande, os quais foram selecionados de acordo com indicações ou referências da comunidade local, pelo vínculo com a prática de comercialização e conhecimento da aplicabilidade empírica das plantas. A

coleta das informações seguiu a metodologia de entrevistas semi - estruturada, com formulários contendo questões a serem anotadas pelo entrevistador acerca do conhecimento e utilização das plantas no tratamento de diferentes sintomatologias.

Em etapa posterior, foi feito o reconhecimento botânico das plantas levantadas durante as entrevistas. Quando possível estas plantas foram fotografadas e também coletadas. A coleta e registro fotográfico das espécies foram feitos em locais indicados pelos entrevistados, assim como o material coletado foi identificado com auxílio de literatura específica no Laboratório de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus Carreiros, e também comparado com exemplares do Herbário da Universidade do Rio Grande (HURG), sempre que necessário. Todas as formas de registro (coleta e foto) somente foram realizadas mediante o consentimento dos entrevistados.

Na terceira etapa deste estudo foi feita uma consulta bibliográfica buscando a origem das espécies citadas pelos entrevistados (exóticas, nativas do Brasil e nativas do RS) e a importância ecológica de algumas das espécies nativas, inclusive relatando aquelas ameaçadas de extinção, de acordo com as listas de flora ameaçada da Fundação Zoobotânica (1993) e Ibama (1992).

## RESULTADOS

Foram levantadas 94 espécies de plantas medicinais, distribuídas em 44 famílias. O número de espécies levantadas é alto quando comparado com outros estudos realizados no município, como Pereira *et al.*, (1988), com 52 espécies listadas e Paz (2007), com 62 espécies listadas. No entanto, acredita - se que este número ainda possa ser maior, pois segundo Mentz *et al.*, (1997), existem cerca de 296 espécies utilizadas na medicina popular, sendo 210 nativas do Rio Grande do Sul.

Das famílias levantadas, Asteraceae (20) contribui com o maior número de espécies, seguida de Lamiaceae (7), Myrtaceae (7) e Fabaceae (5), confirmando com os estudos de Vendruscolo *et al.*, (2006), quando Asteraceae (23), Lamiaceae (21) e Myrtaceae (7) foram as famílias que contribuíram com o maior número de espécies num total de 150 plantas levantadas. Resultados semelhantes também foram verificados nos estudos de Paz (2007), onde, num total de 62 espécies, Asteraceae (12), seguida de Lamiaceae (5) e Verbenaceae (5) foram as mais representativas em termos de diversidade específica.

Entre as 94 espécies citadas nas pesquisas, 18 foram mencionadas pelos quatro entrevistados. Destas, 13 espécies são nativas do Brasil, são elas: *Bauhinia candicans* Benth (Fabaceae); *Smilax brasiliensis* Spreng. (Liliaceae); *Bidens pilosa* L. (Asteraceae); *Equisetum hiemale* L. (Equisetaceae); *Echinodorus grandiflorus* Mitch. (Alismataceae); *Plantago australis* Lam. (Plantaginaceae); *Varronia leucocephala* (Moric.) J. S. Mill. (Boraginaceae); *Casearia sylvestris* Sw. (Salicaceae); *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl (Verbenaceae); *Maytenus ilicifolia* Reissek (Celastraceae); *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC (Asteraceae), *Waltheria douradinha* A. St. - Hil (Sterculiaceae), e *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F. Macbr (Lythraceae).

As sete últimas são nativas do Rio Grande do Sul, destas, seis já haviam sido mencionadas em um levantamento feito por Mentz *et al.*, (1998). Por outro lado, as espécies exóticas mais citadas foram *Aloe arborescens* Mill. (Liliaceae); *Tanacetum vulgare* L. e *Galinsoga parviflora* Cav., pertencentes à Asteraceae; *Rosmarinus officinalis* L. (Lamiaceae); e *Pimpinella anisum* L. (Apiaceae). Tanto o trabalho de Mentz *et al.*, (1998) quanto o trabalho de Paz (2007) comprovam a ocorrência das espécies levantadas no presente trabalho como tendo potencial medicinal.

Das espécies relatadas, 28 (29,78%) são nativas para o Rio Grande do Sul. Algumas das espécies levantadas neste estudo constam na Lista das Espécies Ameaçadas do RS (IBAMA, 1992; Fundação Zoobotânica, 2003) como *Sideroxylum obtusifolium* (Roemer & Schuhes) T. D. Pennington (Coronilha), *Waltheria douradinha* St. Hil. (Douradinha - do - campo) e *Maytenus ilicifolia* Reissek. (Espinheira - santa), todas consideradas vulneráveis.

Algumas espécies levantadas no presente estudo mostram grande importância por representarem potenciais indicadores ecológicos, como por exemplo, *Equisetum giganteum* L. (cavalinha), que é indicadora de solo com teor de acidez médio a elevado (Emater/RS, 2000). Outra importante espécie é *Baccharis trimera* L. (Carqueja), indicadora de solos pobres, de compactação superficial, especialmente com retenção de água estagnada da estação chuvosa (Emater/RS, 2000). Além destas, *Sida rhombifolia* L. (Guanxuma) e *Plantago tomentosa* Lam. (Tansagem) são comuns em ambientes alterados e muitas vezes se comportam como ruderais (Lorenzi, 2000).

Outra importância ecológica para algumas das espécies citadas é a produção de frutos e sementes utilizados na alimentação de muitos animais, especialmente aves, como *Campomanesia xanthocarpa* Berg, guabiroba (Gressler, 2006), *Passiflora edulis* Sims, maracujá (Melo, 2007) e *Araucaria augustifolia* (Bertol.) Kuntze, araucária (Reinert, 1998).

Além disso, muitas outras espécies são características dos diferentes ambientes que compõem a vegetação do extremo sul do RS e podem servir de referência para reforçar a preservação desses locais, uma vez que são espécies nativas do Rio Grande do Sul: *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabr., planta pioneira de terrenos úmidos e comum em ambientes de dunas costeiras estabilizadas; *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC., natural em terrenos secos da planície costeira. (Cordazzo & Seeliger, 1995); *Erythrina cristagalli* L. e *Chenopodium ambrosioides* L., ambas presentes em matas de restinga, sendo a última mais característica em borda de mata (Batista *et al.*, 007); *Bromelia antiacantha* Bertol e *Waltheria douradinha* A. St. - Hil, típicas de campos sulinos (Lorenzi, 2000); *Echinodorus grandiflorus* Mitch. (Chapéu de couro), macrófita aquática característica em banhados do Rio Grande do Sul (Irgang & Gastal Jr., 1996).

## CONCLUSÃO

A alta diversidade de espécies nativas, potencialmente medicinais, levantadas no presente estudo, inclusive com algumas ameaçadas de extinção, como também o resgate dos

conhecimentos tradicionais e empíricos, destacam a importante contribuição deste estudo.

Além disso, reitera - se a necessidade de preservação dos ambientes naturais no município, uma vez que, muitas das espécies medicinais nativas provavelmente estejam sendo retiradas diretamente destes ambientes para sua utilização/comercialização. Este fato, atrelado ao agravante da destruição desses ambientes, torna estas espécies mais vulneráveis a extinção.

Deste modo, espera - se que estes dados possam contribuir para futuros programas de preservação em ambientes de restinga, justificando a ocorrência de espécies vegetais que, além da potencialidade medicinal, também estão ameaçadas de extinção.

## REFERÊNCIAS

- Batista, L. T.; Canteiro, R. C. A; Dorneles, L. P. P. & Colares, I. G. Levantamento florístico das comunidades vegetais na Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde, Rio Grande, RS. *Revista Brasileira de Biociências*, 5(supl. 2): 225 - 227, 2007.
- Cordazzo, C. V.; Seeliger, U. *Guia ilustrado da Vegetação Costeira no extremo sul do Brasil.*, Rio Grande: FURG, 1995, 275p.
- EMATER/RS. *Programa Estadual de Qualificação Profissional*, Porto Alegre - RS, 2000, 68p.
- Fundação Zoobotânica. *Lista Final das Espécies da Flora Ameaçadas-RS: Decreto Estadual n 42.099*. Porto Alegre, 2003, 19 p.
- Gressler, E; Pizo, M. A. & Morellato, L. P. C. Polinização e dispersão de sementes de Myrtaceae no Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, 29(4): 509 - 530, 2006.
- IBAMA. *Lista Oficial de Flora Ameaçada de Extinção*. Porto Alegre, 1992.
- IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acessado em 14 de abril, 2009.
- Irgang, B.E.; Gastal Jr., C.V.S.(eds.) *Plantas aquáticas da planície costeira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1996, 290p.
- Lorenzi, H. *Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitárias e tóxicas*. Instituto Plantarum, Nova Odessa, 2000, 608p.
- Lorenzi, H. & Matos, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil-Nativas e exóticas*. Instituto Plantarum, Nova Odessa, 2002, 544p.
- Martins, E. R.; Castro, D. M.; Castellani, D. C. & Dias, J. E. *Plantas medicinais*. UFV, Viçosa, 2003, 220p.
- Melo, H. M & Reis, A. Levantamento de Lianas do Vale do Itajaí com Potencialidade para uso em Restauração Ambiental. *Revista Brasileira de Biociências*, 5(supl. 1): 642 - 644, 2007.
- Mentz, L. A.; Lutzemberger, L. C. & Schenkel, E. P. Da flora Medicinal do Rio Grande do Sul: notas sobre a Obra de D'Ávila (1910). *Caderno de Farmácia*, 13(1): 25 - 48, 1997.
- Pereira, C. M. P; Perazzolo, M; Susin, V. L. N. & Borsgesch, M. Levantamento Preliminar dos vegetais medicamentosos existentes no município de Rio Grande, RS. *Acta Amazônica*, 18(supl. 1 - 2): 49 - 59, 1988.
- Pinto, E. P. P.; Amorozo, M. C. M. & Furlan, F. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica, Itacaré-BA, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, 20(4): 751 - 762, 2006.
- Reinert, B. L. & Bornschein, M. R. Alimentação da gralha - azul (*Cyanocorax caeruleus*, Corvidae). *Ornitologia neotropical*, 9: 213 - 217, 1998.
- Reitz, P.; Klein, R. & Reis, A. *Projeto Madeira do Rio Grande do Sul*. Herbário Barbosa Rodrigues, Porto Alegre, 1983, 524p.
- Rodrigues, J. S.C. Contributo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, FCUL. 2001, 249p.
- Vieira, E. F. & Rangel, S. R. S. *Planície Costeira do Rio Grande do Sul-Geografia física, vegetação e dinâmica sócio - demográfica*. Sagra, Porto Alegte, 1998, 256p.